Dia 27 — Santa Zita, Virgem

Não há estado tão pobre, não há condição tão obscura no mundo em que não se possa, com a assistência da divina graça, chegar a uma eminente santidade. Prova incontestável desta verdade é Santa Zita [^1].

Foi de nascimento humilde, filha de um pobre lavrador. Chamava-se seu pai Lombardo e sua mãe Buonissima; eram ambos pobres, mas temerosos de Deus: e, como não esperavam deixar bens alguns a sua filha, procuraram deixar-lhe ao menos o da virtude, que é o maior de todos.

Nasceu Zita no princípio do século XIII, numa aldeia chamada Monsagrati, pouco distante da cidade de Luca. Os desvelos da virtuosa mãe em criá-la no santo temor de Deus frutificaram facilmente naquele terno coração, que parecia como nascido para a virtude, por estar cheio de inclinações naturalmente piedosas. Enfeitiçava a todos a doçura de seu gênio e sua modéstia; falava pouco, trabalhava muito e só interrompia a lavor para entregar-se à oração. Logo que teve bastante discrição para conhecer e amar a Deus, nunca o perdeu de vista, e em nenhum outro objeto achava gosto seu coração. Sendo menina, bastava-lhe ouvir que alguma coisa era ofensa de Deus para olhá-la com horror por toda a vida; nem sua mãe necessitava valer-se de outros termos para ensiná-la e para corrigi-la que estes: «Deus manda isto, proíbe aquilo»; nestas duas palavras se compreendia tudo para ela.

Sendo de doze anos, puseram-na a servir em casa de um cidadão de Luca chamado Fatinelli, que a tinha contígua à igreja de São Frediano. Conserva-se esta casa até o dia de hoje com singular veneração, estando adornados todos os seus quartos de ricas e primorosas pinturas que representam as principais ações e milagres de nossa santa.

Achando-se Zita no humilde estado de criada, desde logo se persuadiu de que a verdadeira virtude consistia em cumprir exatamente as obrigações de seu estado; e a isto se aplicou com o maior empenho. Levantava-se sempre ao despontar o dia e, enquanto os demais dormiam, ela orava, cuidando de ter já ouvido missa todos os dias antes que fosse hora de dar princípio aos afazeres da casa.

Como era muito advertida e de muita capacidade, prevenia de ordinário com antecipação tudo aquilo que lhe tocava fazer. Era tão exata no cumprimento de sua obrigação que parecia não pensar em outra coisa que nas ocupações de seu ofício: contudo lhe era sumamente familiar a presença de Deus, e a oração tinha para ela indizíveis atrativos.

Sendo humilde, mortificada, laboriosa e obediente, quem não diria que havia de ser muito estimada de todos quantos a conhecessem e tratassem? Contudo permitiu Deus que por alguns anos fosse bem exercitada. A sua circunspeção chamavam-lhe sandice ou tolice; e o grande cuidado que punha em cumprir exatamente seu dever atribuíam-no a vaidade e a desejos de sobressair entre as demais. Nunca acertava com coisa que fosse do gosto de sua ama, cuja

antipatia se aumentava com as fofocas que lhe iam contar os demais criados. Se estes faltavam ou se descuidavam em algo, a culpa sempre se lançava a nossa santa. Censuravam seu silêncio e sua devoção; faziam troça de sua delicadeza de consciência e de sua pontualidade; sua moderação os enfadava e até sua vida austera e penitente lhes era pesada. Achando-se Zita tão desprezada, tão aborrecida, tão sobrecarregada e tão injustamente maltratada, nunca se desmentiu a si mesma: sempre igual, sempre serena, sempre aprazível e sempre oficiosa, jamais saiu de sua boca nem a mais mínima queixa. Uma virtude tão provada e tão constante descobriu-se enfim apesar da emulação, da antipatia e da malignidade. Conheceram os amos e conheceram os criados o tesouro que tinham em sua casa, e todos fizeram justiça à virtude e ao mérito de nossa santa.

A prova mais insofrível de todas para ela foi esta repentina mudança de ânimos e de corações em seu favor. Como era tanta sua ânsia de padecer e de ver-se humilhada, persuadiu-se de que esta novidade era castigo de Deus; e chegou a afligir-se tanto com este pensamento que, havendo-o conhecido sua ama, afetava de quando em quando repreendê-la para consolá-la.

Como era tanta a confiança e a estima que faziam dela, puseram os amos a seu cuidado todo o gasto e governo econômico da casa. Não se pode dizer quanta foi sua exatidão, cuidado e vigilância: olhava o dinheiro e as provisões que passavam por sua mão como um depósito de que Deus lhe havia de pedir conta; e assim era tal sua economia que raiava em escrúpulo.

Inimiga mortal da ociosidade, sempre estava ocupada; e em quase sessenta anos que esteve naquela casa jamais a viram sem alguma lavor nas mãos. Costumava dizer que as principais prendas de uma criada cristã eram o temor de Deus, a fidelidade, a humildade e o amor ao trabalho. «Nenhuma criada, dizia, pode ser virtuosa se não é laboriosa; uma virtude preguiçosa, especialmente nas que são de nossa esfera, é uma falsa virtude.»

A terna devoção que professou desde sua infância à santíssima Virgem não somente lhe inspirou um extraordinário amor à pureza, mas lhe mereceu o dom desta virtude. Neste particular não é fácil explicar até que ponto chegava sua delicadeza; jamais olhou homem algum no rosto. Nunca se aliviou de roupa, nem sequer em meio dos mais abrasados calores do estio; nunca arregaçou as mangas, nem ainda quando tinha que fazer os ofícios mais penosos ou menos limpos da casa, temendo aparecer com menos decência, modéstia e compostura. Havendo em certa ocasião tido atrevimento um criado para dizer-lhe não sei que palavras descompostas, horrorizou-se tanto que faltou pouco para que caísse desmaiada; e já ia sair-se da casa se na mesma hora não houvesse sido despedido dela aquele atrevido.

Conservou esta delicada virtude em favor de uma rigorosa mortificação e penitência. Era grande sua abstinência; jejuava todo o ano e quase todos os dias a pão e água. Andava com os pés desnudos, até no maior rigor do inverno; e dormia sobre a dura terra, ou algumas vezes sobre uns sarmentos. Não se sabia como podia viver com tão pouco alimento e com uma vida tão penitente; mas cresceu a admiração quando depois de morta encontraram seu corpo rodeado de um cordel que se entrava dois dedos na carne. Semelhante instrumento de penitência, para a santa que estava sempre trabalhando, era um duro tormento.

Haviam-lhe permitido seus amos que no discurso do ano fizesse algumas devotas peregrinações, bastante distantes e dificultosas: sempre as fazia a pé e em jejum. Como os afazeres da casa não

lhe houvessem dado lugar uma vez para sair pela manhã a visitar o santuário do Santo Anjo, que se venera num monte a duas léguas de Luca, quis ir pela tarde; e mostrou Deus quão grata lhe era esta devoção com o prodígio de achar-se Zita milagrosamente transportada ao dito santuário.

Dotada de um dom sublime de oração, todo o dia estava trabalhando e todo o dia estava orando: porque nem o trabalho interrompia a oração, nem a oração era estorvo ao trabalho. Abrasada do fogo do divino amor, ouvia-se-lhe exclamar incessantemente dia e noite: «Sim, divino Esposo meu, eu vos amo.» Havia fabricado uma espécie de celinha no canto mais retirado da casa, à qual costumava ir de quando em quando a passar toda a noite em contemplação; e atestaram os demais criados que muitas vezes haviam visto esta celinha rodeada de um brilhante resplendor.

Como um dia se houvesse deixado levar de seu fervor mais do acostumado, lembrou-se, ainda que já algo tarde, de que tinha que amassar: deixou sua devoção e correu prontamente a reparar sua falta; mas já Deus a havia remediado, porque encontrou amassado o pão e em disposição de poder metê-lo no forno; manifestando o Senhor com semelhantes e frequentes prodígios a santidade de sua serva.

Correspondia sua humildade a todas as demais virtudes. Tinha formado tão baixo conceito de si mesma que se admirava de como não a desprezavam todas as criaturas e de como podia sofrê-la a terra sobre si. Respeitava os demais criados como se todos fossem seus amos; apenas abriam a boca, eram obedecidos sem réplica e sem dificuldade. Certas senhoritas de pouca idade, amigas de sua ama, sabendo sua pronta obediência, achavam gosto, só para divertir-se e para prová-la, em enviá-la com recados supostos a um lugar distante meia légua da cidade quando estava chovendo a cântaros: obedecia com pontualidade, levava o recado e voltava encharcada de água sem queixar-se.

Sua aprazibilidade sossegava os ânimos mais irritados. Quando seu amo estava colérico, só deixar-se ver e dizer-lhe Zita uma palavrinha bastava para desarmar sua cólera. Algumas vezes se lançava a seus pés para interceder pelos outros.

Mas a mais sobressalente de todas as suas virtudes foi a caridade. Não pode explicar-se a que grau chegou nela esta esclarecida virtude; não tinha limites sua compaixão com os pobres, com os aflitos e com todos os atribulados. Comumente se crê que um dos motivos que teve para jejuar quase sempre a pão e água foi o de ter mais para dar esmolas; mas nunca dava nada sem licença. Vendo seu amo que, ao parecer, os bens se multiplicavam em suas mãos, concedeu-lhe amplas faculdades para que desse a esmola que lhe parecesse; usou dela com liberalidade, mas com discrição, e Deus a autorizou muitas vezes com milagres.

Em tempo de fome, havendo gastado todo o dinheiro que lhe deram seus devotos, esgotou também todo o celeiro de seu amo; mas logo o encheu Deus; porque, voltando a ele para recolher algumas poucas legumes e alguns punhados de grão que haviam ficado, encontrou-o mais cheio que antes que se abrisse para a esmola. Em certa ocasião chegou-se a ela um pobre forasteiro e lhe pediu um golinho de vinho por amor de Deus: afligiu-se porque não o tinha; mas, cheia de confiança, acudiu a um poço que estava perto, tirou uma jarra de água que milagrosamente se achou convertida em excelente vinho. Até o dia de hoje se conserva este poço, e se chama o poço de Santa Zita.

Nunca teve mais móveis que o vestido que trazia posto, porque tudo dava aos pobres; e, quando a repreendiam por isto, respondia: «Pois quê? Pede-me Cristo esmola na pessoa de seus pobres, e havia eu de ter coração para negar-lha?»

Numa noite de Natal em que era excessivo o frio, emprestou-lhe seu amo uma capa forrada, mandando-lhe que usasse dela, mas que lha devolvesse. Ao entrar na igreja viu um pobre meio desnudo e todo transido de frio; não houve necessidade de rogos para que lhe lançasse ao ponto a capa forrada sobre as costas; mas, acabada a missa, ao entrar em casa, o pobre lhe restituiu a capa e desapareceu.

Do mesmo princípio nascia sua inclinação natural a dissimular as faltas de todos. Algumas vezes os que falavam com ela fingiam certos defeitos em sujeitos também supostos, só pelo gosto de ver os esforços, as razões, as sutilezas que discorria para desculpá-los. Jamais se a ouviu falar mal de ninguém; quanto faziam os demais era bom, era louvável; só ela, a seu entender, estava cheia de misérias e de faltas.

Mas o que tinha mais impresso no coração era a salvação das almas; por isso uma de suas principais devoções era rogar incessantemente a Deus pelos que trabalham em ministérios conducentes à saúde espiritual do próximo, para que lançasse sua bênção a seu zelo e a seus trabalhos. Também se compadecia muito daqueles que por seus delitos eram condenados à morte; passava semanas inteiras pedindo ao Senhor que os assistisse com sua graça, para que se aproveitassem do suplício padecendo-o com espírito de penitência, e dobrava sua oração e suas mortificações para que Sua Majestade lhes concedesse uma boa morte.

Achando-se dotada de tantas virtudes e sobretudo abrasada de tão perfeita caridade, não é maravilha que fosse favorecida com os maiores dons sobrenaturais e singularmente com o dom de milagres. Na missa e na comunhão viram-na muitas vezes toda banhada naquelas doces lágrimas que os consolos interiores, antecipados lampejos da glória, fazem derramar aos santos, acompanhadas não poucas vezes de admiráveis êxtases. Só ver alguma imagem da santíssima Virgem, a quem chamava sua mãe, bastava para experimentar em si os mesmos efeitos; e, ocupada toda a sua alma em Deus nos últimos dias de sua vida, era esta uma oração contínua.

A tão alto grau de perfeição havia chegado a fiel serva de Deus quando quis o Pai das misericórdias recompensá-la com a glória eterna. Caiu enferma e, ainda que parecia leve a enfermidade, quis receber os sacramentos. Fê-lo com tanta devoção que a infundiu em todos os circunstantes. Ninguém se persuadia de que houvesse de morrer com tão leve mal; mas ela estava mais bem instruída que todos de sua hora derradeira. Com efeito, ao quinto dia de sua enfermidade expirou entre fervorosos atos de amor de Deus, nos quais se havia exercitado toda a vida. Sucedeu sua morte no dia 27 de abril do ano de 1272, aos setenta de sua idade.

No mesmo dia de seu glorioso trânsito manifestou Deus a santidade daquela bem-aventurada donzela; deixou-se ver sobre a casa onde acabava de expirar um resplendor maravilhoso, e os meninos de toda a cidade começaram a gritar: «Já morreu Santa Zita.» Foi prodigioso o concurso do povo a venerar o santo cadáver, e as exéquias pareciam um magnífico triunfo. Venera-se seu corpo na igreja de São Frediano, e se conserva até o dia de hoje sem corrupção. Contam-se mais de cento e cinquenta milagres juridicamente provados, com muito maior número deles que obra

cada dia o Senhor pela intercessão desta santa.

No ano de 1580 abriu-se a sepultura e achou-se inteiro o santo corpo. Colocaram-no numa rica caixa para satisfazer à devoção do povo: está todo ele coberto com uma roupa de brocado de ouro; e o rosto e as mãos, que se veem por um cristal, poderiam persuadir que ainda está vivo. Leão X deu licença para que na igreja de São Frediano se rezasse com ofício duplo de nossa santa, à qual professa singular veneração toda a cidade de Luca.

Missa (oração)

A missa é do comum das virgens, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Exaudi nos, Deus salutaris noster, ut sicut de beatæ Citæ virginis tuæ festivitate gaudemus, ita piæ devotionis erudiamur affectu. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ouvi, Senhor e Salvador nosso, a súplica que vos fazemos, de que, assim como nos alegramos na festividade de vossa bem-aventurada virgem Santa Zita, assim recebamos nela uma verdadeira e piedosa devoção. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é dos capítulos 10 e 11 da segunda de São Paulo aos Coríntios, e a mesma do dia 17 [^2].

2 Coríntios 10,17-18; 11,1-2

> **Latim:** [17] Qui autem gloriatur, in Domino glorietur. [18] Non enim qui seipsum commendat, ille probatus est : sed quem Deus commendat. [1] Utinam sustineretis modicum quid insipientiæ meæ, sed et supportare me : [2] æmulor enim vos Dei æmulatione. Despondi enim vos uni viro, virginem castam exhibere Christo.

Português: [17] Aquelle pois, que se gloria, glorie-se no Senhor. [18] Porque não he o que a si mesmo se recommenda, o que he estimavel : mas he sim aquelle, a quem Deos recommenda. [1] OXALÁ que supportasseis por hum pouco a minha insipiciencia, mas em fim tolerai-me: [2] porque vos zelo

com zelo de Deos. Por quanto eu vos tenho desposado com Christo, para vos apresentar como virgem pura ao unico esposo.

Nota

«Tendo notícia São Paulo do que se passava em Corinto, onde alguns falsos apóstolos procuravam desacreditá-lo para fazer perder aos fiéis a estima e confiança que faziam dele, escreveu esta segunda carta, dirigida não só aos de Corinto, mas a todos os fiéis da província de Acaia. Contém excelentes instruções, singularmente sobre a castidade. Escreveu-se na Macedônia, e a enviou o Apóstolo por Tito e por São Lucas no ano 57 de Cristo.»

Reflexões

Que transtorno tão lastimoso de ideias e de entendimento! Todos se gloriam hoje de tudo aquilo que não é gloriar-se no Senhor; e tudo o que é gloriar-se no Senhor reputa-se entre os mundanos por baixeza de alma, por despeito, por melancolia. Todo o mundo louva um homem que está cheio de ambição; o orgulho é o que leva em tudo a primazia; a soberba é a paixão da moda; a mais néscia vaidade se faz escutar; e, se é atrevida, descarada e fera, faz-se respeitar. Em meio disso convêm em que não há coisa mais baixa, mais odiosa nem mais desprezível que o orgulho.

Com efeito, sempre é filho de um ânimo apoucado e prova de um pobre e curto entendimento. Os tolos e os mentecaptos sempre estão pensando em como poderão fazer-se estimar. Olha-se com lástima um miserável que, havendo perdido o juízo, se figura ser um príncipe. Entre o que adoece deste achaque e um orgulhoso não há outra diferença que a de mais ou menos.

Um homem de bom entendimento não se deixa deslumbrar de suas prendas; adianta-se sua penetração a conhecer o muito que lhe falta; mas um entendimento limitado apenas sai de si mesmo e, como suas escassas luzes não se estendem mais além de sua esfera, tudo o que fazem os outros lhe parece coisa muito comum, e só acha que admirar no que ele faz.

Certamente não há homem mais desprezível, nem com efeito mais desprezado, que um orgulhoso; e contudo não há homens mais ansiosos de honras e de distinções. Rebentam por ser estimados; e com isto mesmo acreditam que não merecem sê-lo. Não há paixão mais oposta ao fim a que aspira nem aos bens imaginários com que se alimenta que o orgulho: anseia por brilhar, por distinguir-se, por sobressair entre todos os demais: vãos esforços, projetos frívolos. Busca o orgulhoso a distinção em tudo, e tudo conspira a humilhá-lo e a confundi-lo. Fatigando-se por introduzir no povo um alto conceito de si mesmo, faz-se a fábula de todo ele e singularmente o riso de toda a gente ajuizada. Mas se ao menos escarmentasse à custa de sua própria experiência! Nada menos. O orgulho é cego; bem pode estar aos pés de todos; mas nem por isso se dará por vencido.

As maiores humilhações o irritam, mas não o curam. Coisa estranha! Não poucas vezes se levanta um por orgulho contra o orgulho mesmo. Nem os que mais gritam e melhor escrevem contra esta paixão são sempre os que menos adoecem dela: seu veneno se comunica até ao que podia servir-lhe de remédio; até na mesma humilhação sabe introduzir-se o orgulho. Esta mesma generalidade é a que nos familiariza com ele; mas as enfermidades epidêmicas e populares não são menos perigosas porque sejam mais comuns. A verdadeira glória, diz o Sábio, sempre foge dos que a seguem e sempre segue os que vão fugindo dela. Assim se compraz Deus em encher de ignomínia os corações soberbos. O mesmo orgulho é castigo e suplício dos orgulhosos. Quantos desgostos se pouparam se cada um se fizesse justiça a si mesmo! Feliz, Senhor, aquele que coloca toda a sua glória em agradar-vos! Quem são mais dignos de estima e de respeito que os que vos servem?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus, e o mesmo do dia 17 [^3].

Mateus 25,1-13

> **Latim:** 1 Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. 2 Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : 3 sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : 4 prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. 5 Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. 6 Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. 7 Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. 8 Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. 9 Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. 10 Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. 11 Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. 12 At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. 13 Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: 1 ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. 2 Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: 3 as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: 4 mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. 5 E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. 6 Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. 7 Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. 8 E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. 9 Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que

não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. [10] E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. [11] E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. [12] Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. [13] Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Do pecado de omissão

Primeiro ponto

Considera que aquelas virgens néscias, desgraçadas por haverem sido repudiadas do Esposo, enfim eram virgens, eram de costumes irrepreensíveis, eram respeitáveis por sua conduta; mas, para agradar a Deus, é preciso cumprir todos os deveres da justiça. Não basta não obrar mal; é necessário fazer todo o bem que Deus quer que façamos: omitir o menor destes deveres é uma falta. Aquelas virgens estavam aguardando o Esposo; haviam feito alguns gastos para fazer-lhe um honrado recebimento; mostravam-se bastante ansiosas e solícitas de sua vinda, mas se descuidaram em fazer as provisões a tempo; tinham lâmpadas, mas faltava o azeite. Bom Deus, quantas almas estão ardendo no inferno por pecados de omissão! Quantos pais e mães estão condenados por haverem-se descuidado na educação de seus filhos, por não os haverem repreendido e castigado, deixando-se levar de uma branda e culpável condescendência! Quantas pessoas constituídas em dignidade ardem e arderão eternamente por não haver velado sobre seus súditos e dependentes! Na verdade, eles não cometeram os pecados, mas não os impediram; eles foram íntegros, retos, desinteressados, mas não o foram seus subalternos; souberam-no e não o remediaram; puderam sabê-lo e quiseram ignorá-lo. Aquela matrona é modesta, é virtuosa, é exemplar; mas, se dá demasiada liberdade a sua filha, se lhe dissimula aquele modo de vestir demasiadamente profano, aquele excessivo desembaraço, aquele desafogo que já passa de alegria; se lhe permite assistir à comédia, ao sarau, ao jogo, não se fará ré de todos os pecados que comete a filha e até daqueles a cujo perigo a expõe ainda que não os cometa? Bom Deus, quantos parecerão em vossa divina presença carregados de dívidas alheias!

Os príncipes e os soberanos têm grandes e estreitas contas que dar. Quanto bem deveram fazer, quantas virtudes praticar, quantas obrigações cumprir; e quantos vícios deveram emendar, quantas desordens corrigir! Se é grande pecado faltar ao primeiro, será menos descuidar-se no segundo?

Os prelados devem grandes exemplos a seu povo e a toda a Igreja. Quanto mais os eleva seu caráter, tanto mais devem brilhar por suas virtudes. A solicitude pastoral deve ser sua maior, sua única ocupação. Que conta têm que dar de seu rebanho! Que vigilância hão de ter para guardar dos lobos suas ovelhas; que aplicação, que desvelos em apartá-las dos pastos nocivos! O menor descuido, a menor omissão nestes pontos é de terríveis consequências; e omissões que são de tão

grandes consequências serão pecados veniais?

Meu Deus, quantos haverá que se imaginavam inocentes e se acharão condenados por estes pecados de omissão! É certo que não cometeram aquilo que lhes estava proibido cometer; mas tampouco praticaram aquilo que lhes estava mandado praticar. Aquele servo de quem fala o Evangelho não perdeu seu talento, mas o enterrou e não o fez valer; nisto esteve seu delito. Oh, que documento tão importante para muitos!

Segundo ponto

Considera que nem sempre se despede um criado por delitos grandes e atrozes; antes, de ordinário, só se o despede, e com muita razão, por preguiçoso, por mandrião, por descuidado, por omisso no cumprimento de suas obrigações. Toda a filosofia moral do cristianismo se funda nestes dois princípios: fugir do mal e fazer o bem. Talvez não te condenará Deus por haver usurpado os bens alheios nem por haver cometido enormes crimes; mas deste muita esmola? Socorreste os pobres em suas necessidades? Que devoções tiveste? Em que boas obras te exercitaste? Enquanto houver pobres enfermos nos hospitais, envergonhados nas casas e presos nos cárceres, sempre terás obras de misericórdia em que poder exercitar-te.

Redde rationem villicationis tuæ. Dá-me conta do que pus a teu cargo. Havendo-te chamado ao estado religioso ou à sublime dignidade do sacerdócio, que grandes, que terríveis obrigações contraíste! Quantos conselhos evangélicos começaram desde então a ser preceitos para ti! Bastar-lhe-á porventura haver guardado os mandamentos? És sal da terra e luz do mundo: bastará que o sal não corrompa o alimento? Não deve preservá-lo da corrupção? Bastará que não esteja apagada a luz? Se está escondida debaixo do alqueire, quem terá a culpa dos tropeços daquele e dos extravios do outro? Ó pecados de omissão, e quantas almas condenareis!

Ocupas um grande emprego; e quê, parece-te que só te puseram nele para que descollasses sobre os demais? A quem fizeram superior em dignidade não é para que seja superior nas virtudes? Não é para que faça observar as leis e as regras? Serão escusáveis neste ponto a inação e a preguiça? A um superior não se lhe pede com razão que vá adiante com o exemplo? Chamam-se as dignidades cargos porque na realidade impõem grandes obrigações.

Mas quais são mais formidáveis que as de um magistrado? Árbitro da fortuna e da vida dos homens, contentar-se-á com estar não mais que medianamente instruído nas leis? Poderá encontrar tempo bastante para seus indispensáveis estudos e para suas diversões? Bastar-lhe-á uma leve tintura de doutrina? Se por sua ignorância ou por não haver estudado bem o direito, se por falta de penetração e pouca capacidade este perde o pleito e aquele a vida, quem será responsável destes danos? Servir-lhe-á de escusa o dinheiro com que talvez comprou um ofício que pede tanto talento e tanta sabedoria?

Ó Senhor, que matéria tão copiosa de reflexões; mas, ao mesmo tempo, que manancial tão abundante de sobressaltos, de temores e de remorsos! O que é mais distinguido por seu nascimento, por seu caráter e por seus empregos, esse é o que tem mais que temer os pecados de

omissão. Quantos há de uma suma delicadeza de consciência em tudo o que traz consigo sobrescrito de pecado que não fazem caso dos pecados de omissão nem sequer se examinam acerca deles! E não terei eu de que acusar-me neste particular?

Ah, Senhor, conheço que tenho demasiado! E, se não colocasse toda a minha confiança em vossa misericórdia, desconfiaria de minha salvação. Mas confio tanto na assistência de vossa graça que me atrevo a prometer-vos uma inviolável fidelidade no cumprimento de todas as minhas obrigações, resolvido a não omitir coisa alguma que seja de vosso agrado e cheio de confiança de que me perdoareis tudo o que até aqui omiti.

Jaculatórias

> *Ab occultis meis munda me; et ab alienis parce servo tuo.* Sl 18.

Limpai-me, Senhor, dos pecados ocultos e perdoai-me os alheios que se hão cometido por minha culpa.

> *Ignorantias meas ne memineris, Domine.* Sl 24.

Não vos lembreis, Senhor, de minhas culpáveis ignorâncias.

Propósitos

1. Aquelas dívidas que se chamam mudas e que se vão acumulando arruínam as casas. O que deve muito e nada paga é digno de que lhe tenham lástima. Talvez faz mais dano à saúde a demasiada quietude e inação que o exercício mais violento. É certo que o veneno tirou a vida a muitos; mas muitos mais a perderam por não haver querido tomar certos remédios. Não poucas vezes se sente tanto uma falta de atenção como uma injúria. Consiste a virtude em não omitir nada do que se deve fazer e em não fazer nada do que se deve omitir. Grande desconsolo é parecer no tribunal de Deus carregado de inumeráveis dívidas, todas a qual mais essenciais (cuja satisfação se omitiu, se desprezou com pleno conhecimento), sem fundos para pagá-las. Considera um pobre devedor diante de um juiz rodeado de credores, os quais todos provam com bons documentos o muito que lhes está devendo. O mesmo ofício faz a consciência na hora da morte; mas com que severidade! Trata de prevenir sua acusação. A muitos lhes parece que são bons porque não cometem pecados; mas cumprem estes exatamente todas as suas obrigações? Tu as tens de todas as espécies: teu estado, teus empregos, tua condição, teu cargo. Convenho em que não cometes excessos, em que não cometes injustiças, em que é em tudo arranjada tua conduta;

mas não é omissa? Examina se te descuidas em algo. Fazes a esmola que podes em proporção de tua renda? Aplicas-te com o cuidado que deves à boa educação de teus filhos? Velas, como tens obrigação, sobre o porte de teus súditos e de teus criados? É possível que não sejas omisso em coisa alguma das que correspondem a teu emprego? Já sabes que pede estudo, aplicação e capacidade. Não te fias acaso demasiado da habilidade de outros? Tens na verdade pessoas a quem hás encarregado a educação de teus filhos e o cuidado de tua família; mas pôs Deus sobre teus ombros esta carga para que inteiramente a lançasses sobre os de outro? Ó meu Deus, quantos e quantos se condenarão por pecados de omissão! Nunca deixes de tomar-te estreita conta de teus pecados de omissão em teu exame de consciência.

2. As pessoas consagradas a Deus têm infinitas obrigações que cumprir, nas quais se dispensam com demasiada frequência e nunca sem detrimento. Há regras; há constituições: quantas omissões, quantas negligências não se cometem! Mas as regras, dizem, não obrigam sob pena de pecado: é verdade; mas será por isso indiferente para um religioso a observância ou o quebrantamento de suas regras? Deus não se obrigou a dispensar indiferentemente suas maiores graças; além de que há poucas regras que não tenham alguma conexão com a exata observância dos votos. Um dos laços que arma o demônio aos religiosos imperfeitos é fazê-los descuidar com o conceito em que estão de que não é pecado a inobservância das regras; raras vezes deixa de estar acompanhada de menosprezo esta negligência habitual. Examina-te bem sobre este ponto: teme as omissões, porque, se não, elas te farão chorar muito algum dia.

São Toribio Mogrovejo, Bispo

Entre os varões célebres que ilustraram a Espanha no século XVI, século propriamente de ouro pela multidão de sábios e santos personagens que produziu nosso católico reino, conta-se como um dos mais sobressalentes em santidade, sabedoria e no exato cumprimento dos deveres episcopais Santo Toribio Afonso Mogrovejo, natural de Mayorga, no bispado de Leão. Seus pais, ilustres por sua gloriosa ascendência e muito mais distinguidos pela pureza de seus costumes, foram dom Luís Afonso Mogrovejo, regedor perpétuo de Mayorga, e dona Ana Robles y Morán, natural de Villaquejida. Ignora-se o dia de seu nascimento, e só se sabe que foi no ano de 1538, o mesmo em que nasceu São Carlos Borromeu, tão semelhante em tudo a nosso santo. Deram-lhe seus pais uma educação própria de sua classe; e, como havia recebido do céu uma índole dócil e naturalmente propensa à virtude, custou pouco instruí-lo nos preceitos da moral cristã, e já desde sua mais terna infância começou a dar claros indícios do que havia de ser. Os jogos e entretenimentos de sua idade eram aqueles somente que manifestavam apego às coisas sagradas: fazer altares, colocar neles as santas imagens de Jesus e de Maria, pôr-se de joelhos diante delas, acender tochas, ordenar procissões e outros exercícios semelhantes eram as ocupações ordinárias do santo menino.

À idade de treze anos, depois de haver estudado a gramática latina, enviaram-no seus pais a Valladolid, para que naquelas florescentes escolas se ilustrasse sua alma com os conhecimentos da sabedoria. Desde o ponto em que entrou Toribio nas aulas começou a ser exemplo de virtude e aplicação para os demais estudantes. Apenas sabia, depois de alguns anos de residência em

Valladolid, outras ruas nem outros caminhos que os que levavam desde sua casa à igreja ou desde sua casa à universidade. Evitava com todo o cuidado as más companhias e assim pôde preservar-se da corrupção que reina geralmente nas universidades. Mas nem por isso deixava de associar-se com aqueles condiscípulos que via bem inclinados; estimulava-os com suas palavras, e muito mais ainda com seus exemplos, a cumprir os deveres de escolares e as obrigações de cristãos; e, como seu trato era amável, seus modos finos, sua virtude rigorosa e austera consigo mesmo, mas doce e condescendente para com os demais, sem ser odiado dos libertinos, era querido e respeitado dos virtuosos. Em breve cresceu sua fama; e não somente era tido por erudito nas belas ciências, sábio nas artes liberais e douto no direito civil e eclesiástico, mas além disso era venerado por um jovem maduro, prudente e de conduta irrepreensível. Logo que recebeu o grau de bacharel, julgaram seus pais que Valladolid era pequeno teatro para que pudesse lucir seu engenho; e assim o enviaram a Salamanca, que era então o empório das ciências, onde floresciam muitos sábios, e entre eles um tio de Toribio, chamado dom João Mogrovejo, que era colegial no colégio maior do Salvador, chamado por outro nome de Oviedo.

Mas pouco tempo depois, havendo projetado dom João III, rei de Portugal, fazer célebre a universidade de Coimbra, levando para lá a qualquer preço os mestres mais sábios da Europa, passou Toribio a esta universidade em companhia de seu tio, que foi um dos sábios eleitos e que mais a ilustraram em seus princípios. Nesta cidade aumentou-se prodigiosamente o mérito de Toribio, tanto na santidade como na literatura. Via seu tio nele um jovem ardentemente dedicado aos exercícios de piedade, sem esquecer por isso o estudo das letras. Sucediam-se mutuamente os jejuns, a oração, a disciplina e a assistência à universidade, as lições cheias de sabedoria e os argumentos sólidos e engenhosos. Toda Coimbra se gloriava de ver-se enriquecida com varões como João e Toribio, que brilhavam entre os demais doutores como o sol entre as estrelas. Dez anos residiram naquela cidade, até que, havendo vagado a cátedra de direito civil e a cônegoa doutoral de Salamanca, proveram-se uma e outra em dom João de Mogrovejo, que com este motivo deixou Coimbra e voltou a Salamanca com seu sobrinho. Um ano teria passado quando Toribio recebeu o golpe mais sensível com a morte de seu tio, a quem chamou Deus a melhor vida. Perdeu nesta ocasião não somente um mestre nas ciências, mas um companheiro na virtude e um amigo no trato familiar. Mas sua alma, acostumada a meditar as verdades sobrenaturais e a venerar submissamente as admiráveis disposições da Providência, conheceu que seu tio havia sido chamado a gozar do prêmio que suas obras mereciam e enxugou as lágrimas de seus olhos com uma santa resignação à vontade de Deus. Vendo-se Toribio sem a amável companhia de seu tio, determinou fazer-se colegial no mesmo colégio; e, havendo vendido a rica biblioteca que lhe havia deixado, para socorrer e estabelecer duas irmãs, recebeu a beca, tendo trinta e três anos de idade. O colégio foi para ele um rigoroso mosteiro. Informou-se dos estatutos para não faltar à observância de nenhum; e prefixou-se tal método de vida que mais parecia um rígido anacoreta que um professor de Salamanca e um colegial maior. Dormia pouco; sua comida e bebida eram parcas e ordinárias; interiormente vestia um cilício, já que no exterior não lhe era lícito abandonar o vestido comum de colegial; jejuava com frequência, meditava continuamente, frequentava os sacramentos e em todas as suas operações se manifestava irrepreensível. Mas no que mais sobressaía seu fervor era na maceração do corpo, afligindo-o com tão frequentes disciplinas de sangue que chegaram a temer que perdesse inteiramente a saúde. Pensaram, pois, os colegiais que se lhe devia ir à mão e assim buscaram meio de corrigir aquele excesso de piedade. Tinha no colégio um grande amigo seu que se conformava inteiramente com seu gênio e seus costumes,

chamado dom Francisco de Contreras. A este deram a comissão de falar a Toribio e, chamando-o à parte, representou-lhe com as melhores razões que seria do agrado de Deus que moderasse aqueles rigores; que a virtude consistia num meio e que todo excesso era repreensível; que os demais colegiais falavam muito de suas penitências, qualificando-as de ostentosas e praticadas talvez com um espírito mais próximo à singularidade e à vanglória que à humildade e abatimento cristão; finalmente, que ele era de parecer que aquelas penitências excessivas poderiam fazer-lhe perder a saúde e inutilizar sua pessoa sem edificar seus próximos. O discurso de Contreras fez tanto efeito no santo jovem que imediatamente temperou suas penitências, mas sem mitigar o rigor dos demais exercícios.

Este teor de vida granjeou a Toribio um conceito tão alto que, assim no colégio como fora dele, era respeitada sua virtude. Neste tempo vieram-lhe vivos desejos de fazer a peregrinação a Santiago, já para ganhar as infinitas indulgências que têm concedido os sumos pontífices aos que vão visitar o sepulcro do santo apóstolo, já para ter ocasião de padecer com as forçosas penalidades de um caminho longo e mal provido. Só lhe faltava um bom companheiro para poder cumprir seus desejos, e o achou em Contreras, que se acomodou facilmente a todos os projetos de sua piedade fervorosa. Havendo, pois, tomado o hábito de peregrino, saíram os dois a pé, descalços e pedindo esmola de porta em porta, só para exercitar as virtudes da pobreza e da humildade; posto que, pelo demais, levavam dinheiro suficiente para não serem gravosos a seus irmãos. Nesta expedição sucedeu-lhes que, entrando numa casa, encontraram uma negra, a qual os julgou pobres de solenidade pelo vestido e, lançando mão da algibeira, deu-lhes um ochavo de esmola. Toribio o recebeu para não privar a negra do gosto que havia tido em exercitar sua caridade; mas, considerando que ela tinha mais necessidade daquele dinheiro, devolveu-lho, conservando por toda a vida tal agradecimento àquela mulher que em todas as suas orações até o fim de seus dias, diz o santo, era o primeiro objeto que lhe vinha à memória.

Concluída sua peregrinação felizmente, voltou ao colégio para continuar seus antigos exercícios, sem cuidar-se de honras nem de dignidades, às quais sua fama só lhe teria aberto largo caminho. Mas, quando os olhos de um rei sábio velam sobre seus súditos para ver o mérito sólido da virtude, é muito dificultoso que possam ocultá-lo os santos artifícios da humildade. Bem descuidado estava Toribio uma noite em seu colégio quando, chamando a deshora, trouxeram-lhe os despachos em que o rei o nomeava inquisidor de Granada. Os colegiais receberam com aplauso esta notícia, considerando a honra que resultava ao colégio; mas o santo olhou este novo emprego, não como uma honra, mas como uma pesada carga que, ao tempo que multiplicava suas obrigações, acrescentava perigos a sua consciência. Mas, conhecendo que era vontade de Deus, aceitou aquela honra e tomou posse no ano de 1575. Constituído Toribio no delicado emprego de inquisidor, propôs-se no desempenho dele um sistema temperado de justiça e de misericórdia. Aborrecia os delitos, mas não os delinquentes, a quem sempre amava como a próximos. Conhecia a debilidade das luzes do humano entendimento; sabia com quanta facilidade costuma extraviar-se a razão humana quando não se propõe mais guia que a vã filosofia. Estas considerações lhe faziam olhar com a compaixão de um pai amoroso os infelizes que haviam caído em algum deslize, sempre que o detestassem com um verdadeiro arrependimento. Pelo contrário, aos rebeldes, aos endurecidos, aos contumazes em seus erros aplicava toda a severidade da justiça, atendendo nisto à correção do delinquente e ao escarmento dos demais. Foi tal a retidão e integridade com que Toribio se portou no emprego de inquisidor que, havendo sido necessário, por causas gravíssimas,

examinar por ordem superior a conduta daquele tribunal, de cujo exame resultaram desterrados e privados alguns inquisidores, Toribio não somente foi achado inocente e irrepreensível, mas mereceu louvores por sua conduta.

Quatro anos obteve o lugar de inquisidor, em cujo tempo vagou o arcebispado de Lima por morte de dom Diogo Gómez de Madrid. Filipe II, que tinha escritos num livro secreto os nomes de todos os homens sábios e virtuosos da Espanha, achou Toribio no primeiro lugar e o elegeu para ocupar aquela sé. Num coração ambicioso teria produzido este nomeamento muita satisfação e alegria; mas no de Toribio causou tal melancolia e turbação que só pôde tranquilizar-se depois de haver escrito sua renúncia ao conselho das Índias e ao rei. Representava nela que era ainda muito jovem; que carecia das prendas necessárias a um bom bispo; que não estava ordenado mais que de primeira tonsura; numa palavra, que era absolutamente inepto para a alta dignidade que se lhe queria conferir. As escusas de Toribio foram novas razões que confirmaram o rei no juízo que havia formado de sua capacidade e virtude; e, alegrando-se cada vez mais pelo acerto de sua eleição, escreveu-lhe manifestando-lhe seus desejos de que aceitasse o bispado e deu-lhe três meses de prazo para determinar-se. Neste tempo os parentes, amigos e colegas de Toribio moveram todos os resortes para fazê-lo admitir a mitra. Inacessível a todo motivo de interesse e de honra mundana, tomaram-no pelo lado que devia feri-lo; e assim lhe fizeram presente que o bispado de Lima, no estado em que se achava, não era um cargo de honra e de interesse, mas de penalidades e de imenso trabalho; que havia infinitas ovelhas que jamais haviam ouvido a voz de seu pastor; e, numa palavra, que o não aceitar aquele cargo era o mesmo que preferir sua própria conveniência ao trabalho de conquistar almas para Deus. Estas razões puderam tanto com Toribio que, depois de havê-las meditado na presença de Deus, cuja vontade tratou de explorar com a oração e com muitos exercícios espirituais, resolveu-se por fim a dar seu consentimento. Enquanto vinham as bulas de Roma, passou a Madri para receber as instruções do rei e dali a Mayorga para ver sua mãe, que ainda vivia, seus irmãos e parentes e dizer-lhes adeus para sempre. Feito isto, e consagrado bispo em Sevilha, tratou de passar quanto antes a sua igreja; e assim saiu do porto no ano de 1580. A navegação foi feliz, chegando sem novidade ao porto chamado Nome de Deus. Não sucedeu assim no caminho que há até o Panamá; pois, devendo passar-se lugares muito fragosos, profundos pântanos e caudalosos rios, todos creram que num deles havia perdido a vida. Vadeava-o o santo montado numa mula ou macho do país e, ao chegar à metade, viu vir a ele dois enormes caimões, animais ferocíssimos em que de ordinário abundam aqueles rios; assustada a cavalgadura, lançou à água nosso santo, que se achou assim em meio do rio, sem saber nadar e próximo a ser devorado por aqueles monstros, que já se dirigiam a ele com a boca aberta. No mesmo ponto invocou a Deus, e logo se viram dois maravilhosos efeitos: os caimões ficaram imóveis como pedras, e o corpo de nosso santo foi nadando para a margem. Deu graças a Deus pelo benefício recebido, fizeram o mesmo todos os que o acompanhavam, e prosseguiram sua viagem.

No dia 24 de maio do ano de 1581 chegou felizmente a Lima, onde lhe fizeram um recebimento ostentoso. Saiu-lhe ao encontro toda a nobreza da cidade e todos os eclesiásticos; as ruas por onde havia de passar estavam adornadas com riqueza e com bom gosto; as sacadas e as janelas, as praças e as ruas, tudo estava cheio de gente que, ao som de acordadas músicas, prorrompia em festivas aclamações. Toribio recebeu estes aplausos e honras com um coração cheio de gratidão; e seu semblante se deixou ver naquele dia tão majestoso que mais parecia de um anjo que de um

homem. Todos os seus súditos ficaram contentes com a vista de seu novo prelado; todos conceberam dele as maiores esperanças; todos confirmaram com sua vista o alto conceito que de suas virtudes lhes havia antecipado a fama. Tranquilizadas as coisas, começou Toribio a lançar os fundamentos das grandes obras que pensava edificar. Mandou que lhe fizessem um plano exato de toda a sua diocese, onde se visse claramente seu estado atual, o número dos súditos, a quantidade e qualidade dos rendimentos, as rendas das igrejas, seus utensílios e alfaias; de maneira que de um golpe de vista descobrisse as necessidades que padeciam suas ovelhas e os meios de que se podia valer para remediá-las. E, conhecendo que são inúteis todos os esforços de qualquer prelado para reformar e arranjar seus súditos quando dá entrada em sua casa à relaxação e ao mau exemplo, cuidou antes de tudo de arranjar sua família, não admitindo nela senão sujeitos de provados costumes. Sua casa parecia um convento de religiosos. Havendo posto em ordem as coisas de sua família de maneira que ninguém o pudesse repreender, tratou de começar uma geral reforma por todas as classes e em todas as matérias. Registrou por si mesmo os sacrários e os ornamentos das igrejas, dando às que eram pobres as alfaias necessárias para que celebrassem com decência os divinos ofícios. Averiguou com que pompa e solenidade se faziam estes em todas as igrejas de seu bispado; mas principalmente ocuparam sua atenção as casas de misericórdia, os hospitais e a instrução dos índios que habitavam nos lugares mais remotos.

Para conseguir todos estes piedosos fins, procurava que obtivessem os ofícios de curas párocos, confessores e pregadores sujeitos dignos, não somente pela integridade de seus costumes, mas também pela suficiência de sua sabedoria e de suas luzes. A estes os exortava, lhes pedia e até os forçava a que não desistissem de repartir continuamente o pão da doutrina, como quem estava bem inteirado de que nos vastos países da América havia muitas almas perdidas por falta de instrução. Para proporcionar a suas ovelhas este espiritual alimento, ergueu de novo muitas igrejas, nas quais fazia celebrar diariamente os divinos ofícios com todo o aparato de cerimônias que tanto excita a piedade dos fiéis. Provia-as, além disso, de lâmpadas, sinos e ornamentos; assinalava um pregador que explicasse com frequência a doutrina cristã. Em qualquer povo em que o santo se achasse, por pequeno que fosse, não se desdenhava de pregar por si mesmo ou de autorizar com sua presença a explicação da doutrina feita por algum sacerdote. Nas obrigações de seu cargo episcopal empregava-se de maneira que aquelas não o privavam de assistir aos ofícios públicos da catedral em companhia dos cônegos. Via-se-o com tanta frequência nas horas canônicas, nas orações públicas, no púlpito, no confessionário e na administração de sacramentos privativos de sua dignidade que parecia não ter que fazer outra coisa. Estas ocupações não lhe impediam a oração nem os exercícios de penitência, e era tão exato no rezo do ofício que, enquanto rezava, nem ao mesmo vice-rei admitia a visita. Estabeleceu um teor de vida tão rigoroso e constante que parecia superior às forças humanas. Em sua casa era o primeiro que se levantava e o fazia antes de amanhecer e imediatamente se punha em oração até que era hora de dizer missa. Dizia-a com grande devoção e ternura e depois se dedicava a ouvir as causas de seus súditos, a compor entre eles as discórdias, a socorrer os necessitados, a consolar os aflitos e a assinalar alimentos às viúvas e órfãos; e, se algum tempo lhe sobrava da manhã, empregava-o na oração ou no coro. Comia parcamente e se recolhia num aposentozinho onde pedia a Deus luzes para desempenhar dignamente o cargo de pastor. Toda a tarde a empregava em ouvir as representações de seus diocesanos e em dar as providências oportunas para seu consolo e bem-estar. Nisto tinha todo o seu desafogo, todo o seu recreio e toda a sua diversão. Ao toque das orações retirava-se a sua casa e passava duas horas no oratório em profunda meditação. Dizia o

ofício com os eclesiásticos seus familiares e fazia sua colação com um pouco de pão e água, que foi a ceia de toda a sua vida. Retirava-se depois a um aposento secreto onde rezava o ofício de defuntos e o de Nossa Senhora e depois o santo rosário. Por volta da meia-noite ia descansar; mas seu sono era tão breve e leve que continuamente o interrompia pronunciando versos de salmos ou outras orações jaculatórias. Sua casa estava aberta para todos, e a todas as horas encontravam os necessitados misericórdia e os ofendidos justiça. Seus olhos se fixavam sempre no mais pobre e andrajoso que o buscava, e sua justiça reta jamais se deixou dobrar nem da opulência, nem da riqueza, nem do poder. Se a justiça o obrigava a exercitar a severidade, era tal a humanidade e doçura com que aplicava a sentença que os mesmos castigados reconheciam em seu juiz um pai amoroso. Pôs grande cuidado em que reinasse o desinteresse em seus tribunais: para este efeito dotou com generosidade os escrivães, notários e demais ministros, castigando severamente o que se deixava corromper do vil interesse.

Posta esta ordem e arranjo em sua casa, em seus familiares, em seus tribunais, em si mesmo e em seus súditos, tratou de ordenar e reformar a disciplina daquela igreja, que com os tempos turbulentos se havia relaxado notavelmente. Desde a fundação daquela sé não havia havido mais que dois concílios com o nome de congregações, um no ano de 1552 e outro no de 1567; mas, havendo faltado ao primeiro a forma legítima de concílio e ao segundo a confirmação do sumo pontífice, haviam ficado sem efeito os decretos e determinações de um e de outro. Nosso santo convocou para o ano de 1582 um concílio provincial, que se celebrou na cidade de Lima, sendo vice-rei daquelas províncias dom Martim Enríquez. Nele teve Toribio que sofrer algumas amarguras; porque, havendo julgado oportuno começar a reforma pelos mesmos bispos e demais eclesiásticos, ressentiu-se um pouco a avareza de alguns deles, que contavam com o favor de muitos poderosos. Mas o zelo e a paciência de nosso santo venceram todos os obstáculos e, celebradas cinco sessões, concluiu-se felizmente o concílio, cujas disposições foram aprovadas pela Sé apostólica e mandadas executar pelo real conselho das Índias. Foi tanta a utilidade de seus cânones, a prudência e sabedoria com que foram estabelecidos, que se julgou oportuno estender sua observância a outros três arcebispados e dezessete bispados, como se fossem de um concílio nacional, e em todos eles se observam até o dia de hoje com muito conhecido proveito, o que manifesta bem o sublime espírito com que foram dirigidas todas as sessões. Outros dois concílios fez celebrar em seu tempo; mas suas atas se reduziram unicamente à observância dos decretos do primeiro. Uma das principais determinações foi o estabelecimento de seminários conciliares, à qual já se havia antecipado Toribio, começando a fábrica de um na cidade de Lima. Sobre isto teve que sofrer algumas contradições da parte do vice-rei, que, com o pretexto do real padroado, queria fazer privativamente sua a eleição de seminaristas, com outras pretensões igualmente desarranjadas e injustas: mas, elevadas a notícia do rei as desavenças entre o vice-rei e o santo arcebispo, sentenciou em tudo a favor deste último. A esta contradição se seguiram outras muitas sobre diversos pontos que interessavam à imunidade eclesiástica. Mas, como Toribio havia fixado sua alma sobre o firme fundamento de uma virtude sólida e não eram seus próprios interesses o móvel de suas ações, mas a honra e glória de Deus, este Senhor o encheu de uma admirável paciência para sofrer todas as adversidades e de uma fortaleza superior a todas as contradições.

Calmadas estas, dedicou-se com todo o ardor a cumprir as funções de seu ministério. Edificou mosteiros para as esposas de Jesus Cristo; destinou lugares de piedade para as donzelas cuja honra periclitava; dispôs hospitais e hospícios para a manutenção dos órfãos e cura dos enfermos.

As rendas de seu bispado, que eram copiosíssimas, não tinham outro destino que o seio dos pobres, onde sabia que não as havia de roubar o ladrão, mas antes as havia de achar multiplicadas. A santificação própria e a de seus próximos eram dois eixos sobre que girava toda a vida deste santíssimo prelado.

Havendo-se proposto conhecer todas as suas ovelhas uma por uma, se fosse possível, empreendeu três vezes a visita de seu bispado, fazendo as duas completas e deixando a terceira começada por haver-lhe faltado a vida. Andava espaços imensos cobertos por todas as partes de selvas espessas, de pântanos perigosos e de horríveis precipícios. Nada arredava a acesa caridade deste santo prelado, nem a espessura dos bosques, nem o inacessível das montanhas, nem a fereza e barbárie das gentes. Superior a tudo, buscava suas ovelhas nas quebradas e grutas onde viviam à maneira de feras; ali as ensinava, as agasalhava e se consolava a si mesmo, dando por bem empregados os perigos a que se havia exposto para lograr este consolo.

Já havia consumido este admirável varão perto de setenta anos numa vida irrepreensível, e era justo que o eterno remunerador o chamasse a dar-lhe o prêmio devido a seus merecimentos. Mas, assim como ao bom capitão deve colhê-lo a morte em campanha, assim também ao bom bispo deve faltar a vida enquanto a está empregando em benefício de suas ovelhas. Havia saído de Lima Santo Toribio para fazer a terceira visita de seu bispado; e, querendo celebrar a Semana Santa em Saña, ao entrar no povo sentiu-se acometido de uma febre. Agravando-se a enfermidade, mandaram-lhe os médicos comer carne; mas, como era Semana Santa, recusou-o quanto pôde, até que lho mandaram sob cargo de consciência. Vendo os médicos que era inevitável sua morte, ordenaram que se lhe desse esta notícia para que fizesse suas disposições, o que executou um capelão seu. Longe de entristecer-se o santo com a nova, exclamou com aquelas palavras do salmo: «Regozijei-me com as coisas que me foram ditas: iremos à casa do Senhor»; e ao que lhe levou a notícia mandou que lhe dessem as alvíçaras, que de antemão tinha prometidas ao que lhe anunciasse a morte. Dispôs-se a esta mandando fazer uma justa repartição de tudo quanto tinha, sem excluir o utensílio mais desprezível, entre os pobres de todas as classes, a quem chamava seus credores. Confessou-se com grande compunção e lágrimas; e, dizendo que era indigno de que o Senhor o visitasse em sua casa, fez que o levassem à igreja numa padiola, e ali recebeu o viático com tal devoção que todos ficaram enternecidos. Voltado a sua casa, recebeu a extrema-unção, exalando ardentes suspiros entre frequentes atos de contrição. Repetia muitas vezes aquelas palavras de São Paulo: «Anseio pela dissolução de meu corpo e por estar com Cristo», consolando incessantemente seus familiares, que choravam sua morte com amargura. No dia da Quinta-feira Santa, à mesma hora em que costumava lavar os pés aos pobres, pediu ao prior de Santo Agostinho que lhe cantasse o salmo *In te, Domine, speravi;* e, ao chegar àquelas palavras: «Em tuas mãos, Senhor, encomendo meu espírito», exalou sua alma bem-aventurada com aquela doce tranquilidade com que morrem os justos. Sucedeu seu ditoso trânsito no ano de 1606, aos sessenta e oito de sua idade e vinte e cinco de seu bispado. Seu corpo ficou fresco e formoso e foi enterrado na igreja catedral com suma pompa, concurso e aclamações extraordinárias. O Senhor manifestou bem logo a santidade de seu servo por meio de infinitas maravilhas; e, havendo-se feito as diligências necessárias para a justificação de suas virtudes em grau heroico e dos milagres com que testificou Deus sua santidade, foi beatificado pelo papa Inocêncio XI, e Bento XIII o canonizou depois no ano de 1726.

Missa (oração)

A missa é em honra deste santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Ecclesiam tuam, Domine, beati Turibii confessoris tui atque pontificis continua protectione custodi; ut sicut illum pastoralis sollicitudo gloriosum reddidit, ita nos ejus intercessio in tuo semper faciat amore ferventes. Per Dominum nostrum.*

Português: Defendei, Senhor, vossa Igreja com a proteção contínua do bem-aventurado Toribio, vosso confessor e pontífice, para que, assim como a solicitude pastoral o fez glorioso, da mesma maneira sua intercessão nos faça fervorosos em vosso amor. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 50 do Eclesiástico.

> **Latim:** *Ecce sacerdos magnus, qui in vita sua suffulsit domum, et in diebus suis corroboravit templum. Templi etiam altitudo ab ipso fundata est, duplex ædificatio, et excelsi parietes templi. In diebus ipsius emanaverunt putei aquarum, et quasi mare adimpleti sunt supra modum. Qui curavit gentem suam, et liberavit eam a perditione. Qui prævaluit amplificare civitatem, qui adeptus est gloriam in conversatione gentis: et ingressum domus et atrii amplificavit. Quasi stella matutina in medio nebulæ, et quasi luna plena in diebus suis lucet. Et quasi sol refulgens, sic ille effulsit in templo Dei. Quasi arcus refulgens inter nebulas gloriæ, et quasi flos rosarum in diebus vernis, et quasi lilia quæ sunt in transitu aquæ, et quasi thus redolens in diebus æstatis. Quasi ignis effulgens, et thus ardens in igne. Quasi vas auri solidum, ornatum omni lapide pretioso. Quasi oliva pullulans, et cupressus in altitudinem se extollens: circa illum corona fratrum: quasi plantatio cedri in monte Libano. Sic circa illum steterunt quasi rami palmæ, et omnes filii Aaron in gloria sua.*

Português: Eis aqui um grande sacerdote, que em sua vida sustentou a casa e em seus dias restaurou o templo. Também por ele foi fundada a altura do templo, o edifício duplo e as altas muralhas que cercam o templo. Em seus dias os poços tiveram água copiosa e encheram-se além da medida, como um mar. Ele cuidou de seu povo e livrou-o da perdição. Chegou a engrandecer a

cidade e alcançou glória vivendo no meio de seu povo, e ampliou a entrada da casa e do átrio. Como a estrela da manhã entre a névoa, e como a lua cheia, assim luzia em seus dias; e como o sol resplandecente, assim resplandeceu ele no templo de Deus. Como o arco-íris que resplandece entre as claras nuvens, como a flor das rosas no tempo da primavera, como os lírios que estão junto às correntes das águas, como a planta do incenso que exala bom odor nos dias do estio; como chama resplandecente e como incenso que arde no fogo; como um vaso de ouro maciço, adornado de toda sorte de pedras preciosas; como a oliveira que reverdece e como o cipreste que se eleva às alturas. Ao redor dele há uma coroa de irmãos; e, assim como um alto cedro plantado no monte Líbano, do mesmo modo estiveram ao redor dele os filhos de Arão em sua glória, como se fossem ramos de palmeira.

Reflexões

Entre as paixões que combatem o coração humano com maior força, apenas há uma que o faça com maior violência que a paixão da glória. A este ídolo aéreo têm oferecido incenso os homens sábios e os ignorantes, os homens obscuros e os monarcas mais poderosos. Até os facínoras, que obscurecem sua vida com execráveis delitos, têm oferecido vítimas à glória de seu nome. Tantos conquistadores, expondo sua vida e seu repouso por um pedaço de terra que não haviam de gozar; tantos sábios, encurtando os dias de sua vida em profundas meditações e escrevendo livros que talvez esquecerão para sempre as gerações futuras; tantos deslumbrados que têm tido a temeridade de precipitar-se num abismo profundo ou deixar-se morrer para que seu nome fosse aclamado como o de um herói manifestam claramente até que ponto chegam a embriagar-se os homens com a paixão da glória. Pode tanto com eles o lisonjeiro pensamento de que depois de mortos se lembrarão os homens de suas ações e repetirão suas heroicidades com entusiasmo, que esta só consideração os excita a fazer-se singulares entre os demais homens, sem reparar muito em que a distinção provenha do vício ou da virtude.

Mas, se refletissem a enorme distância que há de um a outro e quão diferente é a glória que recebem, ainda neste mundo, os que servem verdadeiramente a Deus, da daqueles que se entregam aos desejos de seu coração, conheceriam que ainda no temporal premia Deus muito mais vantajosamente que o mundo. O elogio que contém a epístola deste dia, dedicado pelo Espírito Santo a Simão, filho de Onias, e aplicado pela Igreja a Santo Toribio Mogrovejo, prova claramente a generosidade com que premia Deus as obras da virtude. Ele é tão magnífico, tão sublime, tão cheio de imagens, de majestade e de beleza, e tão expressivo de um mérito heroico e extraordinário, que todos os oradores de Atenas e de Roma não chegaram jamais a imaginar uma coisa semelhante. Jamais coube no entendimento de Plínio um elogio tão magnífico do imperador Trajano; e todos os imperadores teriam sacrificado gostosos os louvores que lhes tributou a lisonja à grandeza destes que dá o Espírito Santo. Bem é verdade que há tanta diferença no fundamento de uns e outros elogios como há distinção entre o verdadeiro e o falso. A virtude é irmã da verdade; mutuamente se ajudam, mutuamente se recomendam e mutuamente se apoiam. A virtude que tem o caráter de verdadeira é uma mesma em todos os tempos, em todas as nações e em todas as circunstâncias. A verdade a apresenta a todos os olhos como amável e digna de

apreço. Seu mérito é uma luz resplandecente cujos brilhos não podem ocultar-se. O coração mais bárbaro sente a doce força de seus atrativos; e até os homens injustos aprovam no fundo de seu coração os elogios que se lhe tributam. Por conseguinte, a glória que consegue um justo por estar continuamente velando sobre suas obrigações é uma glória verdadeira, durável e que deveria ocupar a atenção dos homens sempre que os inquietasse algum desejo de glória. Mas faz-se assim? São estas ideias as que movem o coração humano? Quão insensato é o homem em fazer sacrifícios à vanglória!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus, e o mesmo do dia 1 [^4].

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: 14 Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. 15 E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. 16 O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. 17 Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. 18 Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. 19 E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. 20 E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. 21 Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu

senhor. [22] Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. [23] Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Primeiro ponto

Considera que todo cristão deve velar continuamente sobre o cumprimento de suas obrigações, porque, ao contrário, põe-se em perigo de faltar a elas.

O descuido e total indiferença com que muitos olham o desempenho de seus mais importantes deveres, figurando que, quando chegar o caso, poderão sair do apuro com uma atenção muito ligeira, é uma soberba insuportável que nos faz cair em gravíssimos precipícios. Semelhante indiferença provoca a ira de Deus, o qual, vendo a soberba com que nos atrevemos a pôr em nós mesmos a confiança que deveríamos colocar nele, determina negar-nos seus divinos auxílios, com os quais fazíamos o bem e sem os quais não podemos fazer senão o mal. Deixa-nos com só as nossas forças, para que, vendo que não são bastantes para precaver-nos contra nossos inimigos, conheçamos nossa debilidade e fraqueza por uma experiência funestíssima. Este modo de proceder de nosso Deus é justíssimo; porque, havendo desprezado tantos paternais avisos em que nos manda que velemos sobre nossas obrigações, castiga devidamente nossa temerária presunção, desamparando-nos e deixando-nos unicamente nas mãos de nossa fraqueza. A queda miserável do rei Davi, que numa só ação cometeu tantos pecados, em nenhuma outra coisa consistiu senão numa segurança excessiva. O mesmo profeta santo o dizia assim no salmo 29, quando, contrito e pesaroso, clamava a Deus dizendo: «Em meio de minha abundância disse para mim: Jamais serei apartado nem removido da graça e virtude que agora tenho. Vós, Senhor, apartastes de mim vossos olhos, e imediatamente sucedeu em minha alma uma turbação assombrosa.»

Mas nenhum exemplo convence melhor os perigos funestíssimos da falta de vigilância, ou de uma confiança néscia, que o exemplo da negação de São Pedro. Quando o Salvador do mundo avisava todos os seus apóstolos que estivessem alerta, porque podia suceder que na noite de sua paixão padecessem escândalo sobre sua pessoa, chegou a tanto a temeridade de Pedro que não duvidou afirmar que, ainda quando todos os apóstolos se escandalizassem, ele nunca se escandalizaria. O misericordioso Senhor, que o tinha destinado para pastor universal de sua Igreja e sabia quão necessária lhe havia de ser a vigilância, quis que conhecesse com um salutar escarmento os graves perigos que traz consigo uma vã confiança. Deixou-o por um momento entregue a suas próprias forças, e logo se viu o que pode dar de si um homem fraco e miserável. Negou seu Mestre, negou a verdade mesma por essência, negou seu Deus, e o negou com juramento. Mas nisto mesmo nos deu uma importante lição, a saber: que o homem nunca está em maior perigo que

quando confia em suas próprias forças; que nunca está mais débil que quando não o robustece o poderosíssimo vigor da graça; que nunca está mais exposto a cair no precipício que quando caminha descuidado, imaginando que vai seguro; e, por último, São Pedro nos ensinou com seu exemplo que devemos ter presente o aviso de Jesus Cristo: *Velai e orai para que não sejais tentados.*

Segundo ponto

Considera que vives num país inimigo; e, por conseguinte, que te é necessária a vigilância para precaver tua ruína e não cair nas mãos de teus contrários.

É notória a sentença do santo Jó, que afirma: *Que a vida terrena do homem é uma contínua milícia.* A experiência diária nos ensina que, havendo sido desterrado o primeiro homem daquele lugar de paz e de felicidade em que havia sido criado, vemo-nos reduzidos a viver desterrados e peregrinos, pisando sempre um terreno pouco seguro, cheio por todas as partes de perigos e ciladas. São Pedro nos admoesta que estejamos sempre alerta e velando, porque nosso comum inimigo anda ao redor de nós como leão raivoso que deseja despedaçar-nos. O conselho de um varão tão experimentado como o apóstolo São Pedro bastaria, na falta de outras razões, para fazer conhecer ao cristão a necessidade de uma contínua vigilância. Nunca logra com maior segurança seus fins a astúcia de um prudente capitão que quando seu contrário dorme nos braços de uma néscia confiança. Que sucedeu ao rei Baltasar em Babilônia? Entregue com os grandes e capitães de seu exército às delícias de um opíparo convite, adormeceu nos braços da embriaguez: enquanto isso, seu astuto inimigo velava; acometeu-o, venceu-o e com uma escravidão vergonhosa lhe fez pagar a falta de vigilância.

Outro tanto sucede ao cristão que se descuida a respeito de sua alma, sabendo que vive cercado de inimigos. Estes usam mais a salvo de suas astúcias e executam seus danos sem risco de ser surpreendidos. Suas forças se duplicam com a própria vigilância e com o descuido daquele cuja ruína solicitam. E, sendo isto verdade, há de ver-se no povo cristão tanto descuido de sua saúde e tanta indiferença pelos danos que o ameaçam! Nada se vê com mais frequência que homens confiados numa néscia segurança. Em meio de que não podem ignorar as estreitas obrigações que os rodeiam e que cada uma delas requer a maior atenção para seu exato cumprimento, vivem sem pensar sequer em que há uma virtude que se chama vigilância. Daqui resultam as frequentes quedas, as contínuas transgressões que se advertem em todos os estados. O magistrado, o juiz faltam à justiça por não ter a vigilância devida, já para guardar-se daqueles que intentam corrompê-los, já para adquirir os conhecimentos necessários para o bom exercício de seu ministério. Os pais de família veem com dor as desordens de seus filhos e criados, sem advertir que todas elas nascem do funesto sono em que eles jazem adormecidos. Neste teor, se cada qual põe a mão em seu peito e reflete sobre as contínuas faltas de que o acusa sua consciência, conhecerá que todas elas resultam da pouca vigilância sobre suas obrigações e do descuido criminoso que tem de precaver-se contra seus vigilantes inimigos.

Jaculatórias

> *Factum est mihi verbum tuum in gaudium, et in lætitiam cordis mei.* Jr 15 [^5].

Vossa palavra, Senhor, foi para mim motivo de gozo e regozijou todo o meu coração.

> *Nos vero orationi, et ministerio verbi instantes erimus.* At 6.

Nossa ocupação contínua será conhecer nossas obrigações por meio da oração e fazer cumprir as suas aos demais pelo ministério da palavra.

Propósitos

1. São inumeráveis os avisos e preceitos que há na sagrada Escritura acerca da virtude da vigilância; de maneira que apenas há ponto capital da religião sobre que se haja manifestado mais copiosamente a doutrina de Jesus Cristo. «Vigiai, diz-nos por São Mateus [^6], porque não sabeis a que hora há de vir vosso senhor.» «Bem-aventurados aqueles servos, diz-nos por São Lucas [^7], a quem, quando vier seu senhor, os encontre velando.» São Paulo, escrevendo a seu discípulo Timóteo [^8], dizia-lhe: «Tu vela, trabalha em tudo e cumpre teu ministério.» Sendo, pois, a vigilância uma virtude tão recomendada na Escritura, quais deverão ser teus propósitos neste dia? Viste na vida de Santo Toribio Mogrovejo um homem sumamente zeloso de sua salvação e que por isso mesmo o foi no cumprimento de todas as suas obrigações. Sem embargo de tão sólida virtude, de tão multiplicados exercícios piedosos e de estar rodeado de bons exemplos, via-se nele um grande temor de desagradar a seu Deus, que o tinha em contínua vigília para não deixar-se surpreender do inimigo. Consideraste também os perigos e quedas funestas que têm experimentado os varões mais encumbrados em virtude quando se têm entregado a uma néscia confiança ou a um criminoso descuido. Viste que são inumeráveis os inimigos que te cercam para danar-te e que é extraordinária sua vigilância. Desde hoje, pois, deves empenhar-te em vencer a vigilância de teus inimigos com a tua própria; examina com cuidado todas as tuas obrigações e procura ser exato no cumprimento delas. Não olhes com indiferença os mais pequenos deveres porque se te figurem de pouca importância; nada há que não seja muito importante no serviço de Deus, ao qual é muito agradável a fidelidade nas coisas pequenas. Procura dar-lhe gosto em tudo e tem presente a admoestação de São Paulo aos tessalonicenses [^9]: «Não durmamos como os que estão apartados de Deus, mas velemos e estejamos alerta.»

São Pedro Armengol

Da ilustre casa e família dos condes de Urgel e Barcelona, cujos ascendentes tiveram laços muito estreitos com a real prosápia de Aragão e Castela, nasceu pelos anos de 1258 Pedro, filho de Arnaldo Armengol, sujeito distinguidíssimo por sua religião e piedade ainda mais que pela nobreza de seu sangue e pelos prodígios de valor que fez no exército. Puseram seus pais o maior cuidado na educação do menino, mas tiveram o desconsolo de ver inúteis todas as suas diligências: pois, havendo saído de um natural altivo e soberbo, nem os bons exemplos dos pais nem os conselhos dos melhores mestres foram bastantes para conter seu desarranjo na juventude; e, envaidecendo-se mais do que convinha com sua nobreza, este respeito que devia contê-lo para que obrasse segundo sua distinção, imaginou que lhe dava um salvo-conduto para proceder com total abandono.

Muito contribuiu a seu desenfreio a companhia de outros jovens dissolutos e ligeiros, que em pouco tempo, sem muita resistência, o conduziram pelo espaçoso caminho dos vícios. A dissolução de sua vida afogou inteiramente em seu peito aqueles piedosos sentimentos que havia concebido nos princípios de sua educação. Não somente começou a perder-se, mas fazia gala de ser dos mais perdidos. E, como a liberdade orgulhosa não só desterra da alma a urbanidade e modéstia, mas a embrutece e a faz feroz e intratável, ouvia Pedro com desagrado e até com desprezo as salutares advertências de seus pais.

O pouco caso e até desprezo que fazia de outros cavaleiros de suas circunstâncias acarretaram-lhe não poucos dissabores e ressentimentos; e, como um abismo chama outro abismo, desejoso de vingar-se deles, juntou um bando de homens perversos e cometeu com eles tais excessos que, fazendo-se intoleráveis no país e sendo perseguidos pela justiça, viram-se na precisão de retirar-se aos montes, onde tomaram a infame profissão de salteadores, sendo Pedro seu chefe e capitão, com desdouro de sua nobreza.

A dor e o ressentimento que causou ao pai o rumo de um filho tão perdido, que lançava sobre sua família a mancha mais negra, fizeram-no abandonar o país e retirar-se ao reino de Valência, recém-conquistado pelo rei dom Jaime, para seguir a corte e empregar-se no serviço de um monarca tão esclarecido. Determinou este príncipe passar a Montpellier para avistar-se com o rei da França, a fim de tratar negócios importantíssimos a ambas as coroas; e, havendo sabido que nos montes Pireneus havia não poucos salteadores que roubavam e assassinavam os passantes, para poder transitar sem perigo deu a Arnaldo, sujeito de conhecido valor e notória experiência, a comissão de desimpedir o caminho.

Ocorreu a Arnaldo o que podia suceder numa expedição tão perigosa; mas, desejoso de remediar a afronta que causava a seu linhagem seu filho, que presumia fosse o capitão dos salteadores, partiu ao momento com alguns de cavalo e dois bandos de infantes. Reconhecidos os sítios mais perigosos das montanhas e sabendo que as companhias dos bandidos se reuniam para apoderar-se das riquezas da real comitiva, ocultando-se num bosque com uma porção de infantes, dispôs lançar no caminho umas azêmolas mais carregadas de campainhas que de dinheiro, a fim de atrair os ladrões. Saiu-lhe bem o pensamento, e, quando estes se achavam mais cevados na presa, deu

sobre eles Arnaldo e sua tropa com o maior esforço, ferindo a uns e prendendo a outros. Mas, advertindo que uma manga daquela escolta se defendia com particular denodo, suspeitando por isso mesmo que nela se acharia seu capitão, apeou-se do cavalo, empunhou o aço e, animando os seus, começou a acometê-la como um valente leão. A boa sorte de Arnaldo e de seu filho Pedro fez que fossem os dois os primeiros que se apresentaram no combate corpo a corpo. Desferiram-se os primeiros golpes e, parando ambos para reconhecer-se, qual não foi sua admiração quando viram que eram pai e filho os que se estavam ferindo! A cólera cedeu então à compaixão e, envergonhando-se Pedro de acometer quem lhe deu o ser, banhado em ternas lágrimas e prostrado aos pés do pai, confessou-se rendido e lhe entregou a espada, rogando-lhe que fizesse com ele os ofícios do juiz mais severo.

Não pôde Arnaldo, ainda que tão ofendido, desentender-se do amor de pai vendo seu filho prostrado; e, levando-o consigo para experimentar se era verdadeiro seu arrependimento, dentro de muito breve tempo o viu acreditado com as obras. Soube-se o sucesso por todo o Aragão e Catalunha e foi para todos de tão inexplicável gozo e satisfação que deram a Arnaldo os parabéns pela recuperação de um filho que consideravam inteiramente perdido.

A divina Providência, que dispôs aquele memorável acontecimento para a conversão de Pedro, continuando em seus sábios desígnios, fez dele um herói que, se em sua juventude desacreditou sua ascendência, depois recuperou a honra vulnerada e deu novo lustre a sua família.

Retirado nosso santo da vista dos mortais, meditava sobre seus enormes delitos com tanta confusão e vergonha que caiu numa profunda melancolia. Valeu-se dela o inimigo da salvação para tentá-lo à desesperação, representando-lhe com a maior viveza o rubor que era indispensável padecesse um sujeito de suas circunstâncias ao manifestar no tribunal da penitência as execráveis maldades que havia cometido. Mas, como Deus tinha determinado formar de tão grande pecador um dos maiores santos de sua Igreja, dispôs que ouvisse naquele tempo vários sermões que alentaram sua desconfiança.

Passou ao convento da Mercê da cidade de Barcelona a desafogar sua consciência; e, ouvindo-o em confissão um mestre sábio, prudente e experimentado, conhecendo a veemência da dor e sinceridade do arrependimento, recebeu-o amorosamente, deu-lhe a absolvição e o determinou a fazer uma verdadeira penitência para satisfazer à justiça divina, mas com viva confiança em sua misericórdia.

Aceso Pedro em vivíssimos desejos de reparar as injúrias feitas a Deus na vida precedente, rotos já os laços que o oprimiam e alentado com um novo espírito, tomou a generosa resolução de fazer-se religioso da Mercê; pediu o hábito com tantas instâncias e deu provas tão concludentes de ser verdadeira sua vocação que foi recebido no convento de Barcelona com particular aplauso.

Apenas se viu vestido com a insígnia militar da rainha dos anjos, maravilhou seu fervor os mais perfeitos; não podendo subir a mais alto ponto sua humildade, pontualidade e obediência. As paixões a que se havia entregado tão desenfreadamente no século amotinaram-se com violência vendo-se reprimidas na religião; mas soube sujeitá-las com tanta prontidão por meio de rigorosas penitências, pela mortificação dos sentidos e por uma oração contínua que antes de acabar-se o ano de noviciado logrou vê-las rendidas ao império da razão. Do mesmo modo que quando chefe

de malfeitores os excedeu nas desordens, depois que seguiu a milícia de Jesus Cristo avantajou-se a todos na perfeição religiosa. Em lugar das armas ofensivas que usou quando libertino, substituiu diferentes instrumentos de mortificações para crucificar sua carne. Passava os dias e as noites feito um mar de lágrimas pedindo ao Senhor misericórdia; chegando seu rigor a tais termos que, assim como a outros religiosos é mister excitá-los à penitência, a Pedro era necessário retraí-lo dela e até mandar-lhe por obediência que a moderasse.

Vendo os superiores seu grande talento e raro mérito, quiseram que recebesse as sagradas ordens; mas o santo se considerava tão indigno, vindo-lhe à memória os escândalos de sua vida passada, que, para vencer sua resistência, foi necessário que mediasse um expresso mandato. Cedeu à obediência e, elevado ao sacerdócio, portou-se como digno ministro do Altíssimo. Todos os dias celebrava o santo sacrifício da missa com tanta devoção, ternura e lágrimas que quantos o viam no altar saíam tão compungidos como se ouvissem o sermão de um pregador apostólico.

Bem satisfeita a religião de seu fervor e zelo, confiou-lhe aos oito anos de professo o importante cargo da redenção de cativos. Desempenhou a comissão satisfatoriamente nas províncias da Espanha que estavam ainda em poder dos agarenos; mas, como toda a sua ânsia era passar à África, e seu maior consolo, como costumava dizer, ficar cativo pelo resgate de algum dos cristãos, não parou até conseguir este destino. Logrou-o e, numa ocasião em que fez esta viagem, chegou a Bugia com seu companheiro frei Guilherme Florentino, varão de grande mérito, e resgataram cento e dezenove cativos. Não se oferecia acidente que lhes impedisse de fazer-se desde logo à vela para voltar à pátria; mas, como Deus tinha disposto que fosse este o teatro das glórias de Armengol, fez que chegasse a sua notícia a escravidão de dezoito meninos que se achavam expostos a renegar a fé de Jesus Cristo, movidos já pelos afagos, já pelos castigos dos bárbaros. Não havia dinheiro para resgatá-los e, crendo Pedro que havia chegado o caso de fazer o sacrifício que havia prometido pelo voto de sua religião, ofereceu-se em reféns por eles, com a condição de que, se não se entregava a um tempo fixo a quantidade estipulada por seu resgate, fosse condenado às penas que quisessem impor-lhe.

Partiu Guilherme com os cativos, e ficou Armengol em Bugia; e, aproveitando-se da liberdade que lhe davam ao princípio, teve ocasião de converter à fé a muitos infiéis que não puderam resistir à eficácia de sua pregação autorizada com muitos prodígios. Mas, havendo-se passado o tempo prescrito para o pagamento do resgate, puseram-no numa prisão, tratando-o com desumanidade e chegando até a negar-lhe o preciso sustento; bem que o Senhor por ministério dos anjos supriu a seu fidelíssimo servo milagrosamente. Cansados já os bárbaros de atormentá-lo, conspiraram contra sua vida. Não faltou quem defendesse Armengol entre os infiéis, dizendo que o pactuado no convênio não era a pena de morte, mas de prisão e cárcere; mas, havendo-o alguns acusado falsamente de que blasfemava e maldizia Maomé, condenou-o o juiz à morte de forca, ainda que era um castigo irregular entre os sarracenos. Executou-se a sentença, e ficou o santo pendente do madeiro por espaço de oito dias, sem que ninguém se atrevesse a baixá-lo pela proibição do juiz.

Chegou por este tempo seu companheiro frei Guilherme com a quantidade estipulada para o resgate de Pedro; e, havendo sabido o atentado que executaram os bárbaros, cheio de pena e ressentimento, passou a ver o lastimoso espetáculo com alguns cativos. Advertindo ao aproximar-se que em vez de mau odor o cadáver despedia uma fragrância celestial, ficando suspenso e

admirado, falou-lhe Armengol desde a forca, dizendo-lhe que a santíssima Virgem lhe havia conservado a vida naquela disposição para que publicasse suas maravilhas perpetuamente. E, ordenando-lhe que o baixasse do cadafalso, executou-o Florentino com admiração dos concorrentes e de todos os bárbaros, dos quais não poucos se converteram a nossa santa fé, assombrados com tão estupendo prodígio.

Resolveram os dois amados companheiros voltar à cidade de Barcelona, que, já sabedora do portento, esperava com impaciência ver o invicto mártir de Jesus Cristo; e, havendo chegado a ela, receberam-no os habitantes com imponderável gozo, acompanhando-o desde o porto até deixá-lo em seu convento e dando graças ao Senhor por suas maravilhas. Desejavam os religiosos saber de sua boca o sucesso, mas não o puderam conseguir por mais rogos que lhe fizeram; até que, mandando-lhe o prelado que o referisse, não podendo resistir à obediência, fê-lo humilde e modestamente nestes termos: «A virgem Maria, Mãe de Deus e nossa, pediu a seu santíssimo Filho a conservação de minha vida e, conseguido este favor, a mesma soberana Rainha me sustentou com suas santíssimas mãos para que com o peso do corpo não me afogasse o cordel de que estava suspenso.» E, ao dizer estas palavras, foram tais os afetos de doçura que sentiu seu coração que ficou arrebatado num admirável êxtase.

Manifestou sempre Pedro, no pescoço torcido e na cor pálida, os sinais mais autênticos do sucesso. Viveu dois anos depois em Barcelona todo ocupado em altas contemplações e assombrosas penitências. Destinou-o a obediência ao emprego que mais desejava seu apostólico zelo, que era a conversão das almas, no qual fez o mais copioso fruto por meio de sua pregação e admiráveis portentos. Mas, não podendo sofrer sua humildade as honras e aplausos que lhe tributava toda a cidade, retirou-se ao pobre convento de Nossa Senhora dos Prados, sito no bispado de Tarragona, onde sua vida foi uma contínua série de heroicas virtudes e de familiares colóquios com a Rainha dos anjos, a quem, agradecido pelo favor mencionado, professava tanto afeto que não parecia possível mais reverente devoção nem ternura mais filial.

Como notassem os religiosos que em seus frequentes raptos dizia muitas expressões doces, parecendo que estava em conversação com alguma pessoa invisível, perguntando-lhe depois que lhe sucedia, respondia sempre: «Não sei, Deus o sabe.» E, lembrando-se daqueles dias que esteve na forca, assegurava-lhes nas repetidas vezes que falava da glória: «Crede-me, irmãos caríssimos, que eu não julgo haver vivido dia algum senão aqueles poucos, mas felicíssimos, em que, pendente de um madeiro, estava reputado por defunto.»

Predisse o santo com espírito profético a hora de sua morte e, aproximando-se esta em consequência de uma grave enfermidade, recebidos com seu costumado fervor os últimos sacramentos, cantando aquele verso de Davi: «Volta, alma minha, a teu descanso, porque o Senhor te fez bem»; repetindo outro do mesmo profeta: «Agradarei ao Senhor na região dos vivos», entregou seu espírito nas mãos do Criador no dia 27 de abril; e o Senhor se dignou acreditar a glória de seu servo curando milagrosamente a três homens e quatro mulheres antes que se desse sepultura a seu venerável corpo.

Não nos dizem os escritores o ano fixo de sua preciosa morte; mas, se atendemos aos monumentos autênticos que assinalam o sucesso prodigioso da forca no de 1266 e acrescentam

que depois sobreviveu dezoito anos, devemos computar o de seu trânsito no de 1284. Consta-nos assim mesmo pela visita eclesiástica dos ordinários de Tarragona que suas relíquias se têm em grande veneração na paróquia da Guàrdia dos Prats, do mesmo arcebispado, onde o Senhor tem continuado obrando vários prodígios pela intercessão de seu fidelíssimo servo.

Martirológio Romano

Em Nicomédia, a festa de Santo Antimo, bispo e mártir, que foi decapitado na perseguição de Diocleciano por defender o nome de Jesus Cristo. Quase todo o seu rebanho seguiu seu exemplo, sendo uns decapitados, outros queimados e muitos, por sentença do juiz, metidos em barcos e submergidos no mar.

Em Tarso da Cilícia, os santos Cástor e Estêvão, mártires.

Em Roma, o trânsito de Santo Anastácio, papa, varão pobre em meio da opulência e dotado de uma vigilância verdadeiramente apostólica, a quem, segundo diz São Jerônimo, não mereceu Roma possuir muito tempo, para que não fosse arruinada a capital do mundo sob tal pontífice: assim é que, pouco depois de sua morte, foi esta cidade tomada e saqueada pelos godos.

Em Bolonha, São Tertuliano, bispo e confessor.

Em Bréscia, São Teófilo, bispo.

Em Constantinopla, São João, abade, que combateu fortemente pelo culto das santas imagens no tempo de Leão Isáurico.

Em Tarragona, o bem-aventurado Pedro Armengol, da ordem de Nossa Senhora da Mercê, o qual, depois de haver padecido muitos trabalhos na África por resgatar os fiéis, acabou santamente seus dias no convento de Santa Maria dos Prados.

Em Lima, no reino do Peru, São Toribio, arcebispo, cuja festa se celebra no dia vinte e três de março.

Em Luca, na Itália, a bem-aventurada Zita, virgem, esclarecida em virtudes e milagres; sua festa se celebra hoje por decreto do papa Leão X.

Missa (oração)

A missa é do comum de confessor não pontífice, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Adesto, Domine, supplicationibus nostris, quas in beati Petri confessoris tui solemnitate deferimus: ut qui nostræ justitiæ fiduciam non habemus, ejus, qui tibi placuit, precibus adjuvemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ouvi, Senhor, benignamente as súplicas que vos fazemos na solenidade de vosso glorioso confessor São Pedro, para que consigamos, pela intercessão daquele que tanto vos agradou, o que não podemos esperar de nossos merecimentos. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 4 da primeira aos Coríntios.

1 Coríntios 4,9-14

> **Latim:** 9 Puto enim quod Deus nos Apostolos novissimos ostendit, tamquam morti destinatos : quia spectaculum facti sumus mundo, et angelis, et hominibus. 10 Nos stulti propter Christum, vos autem prudentes in Christo : nos infirmi, vos autem fortes : vos nobiles, nos autem ignobiles. 11 Usque in hanc horam et esurimus, et sitimus, et nudi sumus, et colaphis cædimur, et instabiles sumus, 12 et laboramus operantes manibus nostris : maledicimur, et benedicimus : persecutionem patimur, et sustinemus : 13 blasphemamur, et obsecramus : tamquam purgamenta hujus mundi facti sumus, omnium peripsema usque adhuc. 14 Non ut confundam vos, hæc scribo, sed ut filios meos carissimos moneo.

Português: 9 Porque entendo, que Deos nos tem posto pelos últimos dos aposto- los, como sentenciados á morte: por- que somos feitos espectaculo ao mundo, e aos anjos, e aos homens. 10 Nós nescios por Christo, e vós sabios em Christo: nós fracos, e vós fortes: vós nobres, e nós desprezi- veis. 11 Até esta hora padecemos até fome, e sede, e desnudez, e somos esbofeteados, e não temos morada segura, 12 e trabalhamos obrando por nos- sas proprias mãos: amaldiçõão-nos, e bemdizemos: perseguem-nos, e o soffremos: 13 somos blasfemados, e rogamos: temos chegado a ser como a im- mundicia d'este mundo, como a escoria de todos atégora. 14 Eu não vos escrevo isto, para vos envergonhar, mas amocesto-vos como a filhos meus, que muito amo.

Reflexões

Nós somos néscios por amor de Jesus Cristo, mas vós sois prudentes. Assim falava São Paulo àqueles homens carnais, àqueles cristãos mundanos, àqueles presumidos espíritos fortes de Corinto. Era visível a ironia, mas estava muito em seu lugar. E por que não poderemos falar no mesmo idioma aos cristãos de nossos tempos? Nós somos néscios por amor de Jesus Cristo: ao menos é bem certo que são reputados por tais todos aqueles que se conformam com as máximas do Evangelho. E, se não, digam-me, com que olhos se olha hoje no mundo o arranjo dos costumes, o porte ajustado, a mortificação dos sentidos, o recolhimento interior, a exterior compostura, o retiro do bulício? À devoção trata-se de apoucamento de espírito, e chama-se escrúpulo à delicadeza de consciência. Olha-se com certa espécie de lástima os que seguem o caminho que nos deixou assinalado Jesus Cristo. Os aplausos e a estima reservam-se para os mundanos; parece que só no espírito do mundo se acha recolhido o bom juízo e a razão. A profanidade, o esplendor, as riquezas, as honras, uma fortuna brilhante, o ter com que satisfazer as paixões e gozar de todos os prazeres: isto é o que dá mérito no mundo. No sentir de muitas gentes, a vida obscura, humilde e retirada é uma verdadeira desgraça, não de outra maneira que se estivessem proscritas as máximas da religião. Vede aqui dois caminhos bem opostos; vede aqui dois espíritos bem diferentes; vede aqui duas regras de costumes bem contrárias. Macerar a carne, mortificar os sentidos, ter sujeito o amor-próprio a uma perpétua servidão e estar-se fazendo contínua violência: esta, e não outra, é a doutrina de Jesus Cristo. Afagar as paixões, satisfazer o apetite, sacudir o jugo da sujeição e não obrar mais que por motivos de amor-próprio: esta, e não outra, é a doutrina do mundo. Mas quem dos dois se engana? Se a verdadeira sabedoria está nas máximas do Evangelho, o não segui-las será uma insigne loucura. Mas, se são sábios e ajuizados os mundanos seguindo uma vida pouco cristã, será preciso que vão errados os devotos e os virtuosos. Isto não admite meio. Mas haverá quem tenha ousadia para dizer que os santos erraram seguindo as máximas do Evangelho? Logo é muito certo que os que não as seguem vão descaminhados. Homens carnais, mulheres mundanas, espíritos dissipados, dissolutos de profissão, corações profanos, quão dignos sois de compaixão em vossos lastimosos descaminhos! Fazei, fazei ostentação de vossa vaidade, preconizai vossas escandalosas máximas, triunfai em vossa conduta licenciosa, sustentai com fereza vossa irreligião, nada estimeis senão vossas riquezas mundanas, tende-vos em boa hora por prudentes e por discretos; vossa mesma conduta é a prova mais concludente da mais insigne loucura. Pode haver maior extravagância que forjar-se um caminho inteiramente contrário ao de Jesus Cristo? Oh, e quanta verdade é que não se acha a verdadeira sabedoria senão nas máximas do Evangelho! Todo homem que se condena é sumamente insensato; só são sábios aqueles que se salvam.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas, e o mesmo do dia 2 [^10].

Lucas 12,32-34

> **Latim:** [32] Nolite timere pusillus grex, quia complacuit Patri vestro dare vobis regnum. [33] Vendite quæ possidetis, et date eleemosynam. Facite vobis sacculos, qui non veterascunt, thesaurum non deficientem in cælis : quo fur non appropriat, neque tinea corrumpit. [34] Ubi enim thesaurus vester est, ibi et cor vestrum erit.

Português: [32] Não temais, ó pequenino rebanho, pois que foi do agrado de vosso Pai dar-vos o seu reino. [33] Vendei o que possuis, e dai-o em esmolas. Provei-vos de bolsas, que se não gastão com o tempo, ajun- tai nos ceos hum thesouro, que não acaba: aonde não chega o ladrão, e ao qual não rée a traça. [34] Porque onde está o vosso the- souro, ahi estará tambem o vosso coração.

Meditação

Primeiro ponto

Considera que o amor aos desprezos é a prova menos equívoca e, em rigor, é o sinal infalível da verdadeira humildade. Enganam-se não poucos tendo-se por humildes porque conhecem suas imperfeições e confessam seus defeitos. Não basta sentir um baixamente de si: não é mister mais que um pouco de reflexão para conhecer suas misérias, com outro pouco de entendimento para condená-las. Somente os simples deixam de conhecer seus defeitos. A estima de si mesmo é vício de almas baixas e de entendimentos vulgares: um entendimento despejado e nobre descobre com claridade todos os seus defeitos e não os dissimula. Mas este conhecimento especulativo de nenhuma maneira constitui o caráter da verdadeira humildade. É esta uma virtude moral, que não reside precisamente no entendimento, mas principalmente na vontade, domicílio e assento de todas as virtudes morais. Para ser verdadeiramente humilde, é mister, primeiro, sentir baixamente de si e, segundo, desejar que os demais sintam o mesmo e não nos tenham por melhores do que somos. Não há maior injustiça que exigir dos outros que estimem em nossas pessoas aquilo que nós mesmos julgamos digno de desprezo. Ser verdadeiramente humilde sem desejar verdadeiramente ser humilhado não pode ser. Já que o amor aos desprezos nos é penoso, já que os sentidos e o amor-próprio se opõem a ele, pelo menos deve ser aplaudido pela razão, assim como o é sempre pela religião. A humildade sem humilhações sempre é suspeita. Bem pode um ser humilhado sem ser humilde; mas é impossível ser humilde sem desejar ser humilhado. O mérito dos primeiros cristãos e dos santos religiosos consistiu em viver abatidos, humilhados e desprezados do mundo. O original daquelas ilustres cópias foi o exemplo de Jesus Cristo. *Humiliavit semetipsum usque ad mortem, mortem autem crucis.* Humilhou-se o Senhor não só a padecer morte, mas morte de cruz; isto é, não só morreu, porque nisto ainda pode caber orgulho e vanglória nos homens, mas humilhou-se a morrer com morte ignominiosa, em meio de dois ladrões e cravado numa cruz, que era o suplício mais afrontoso que havia, pelo qual se disse: *Maledictus homo qui pendet in ligno.* A mesma vaidade pode ter sua parte nas humilhações quando estas se fazem com ostentação; porque não há paixão mais cômica nem que melhor saiba disfarçar-se que

o orgulho. Mas amar as humilhações, desejar os desprezos não pode ser sem verdadeira humildade.

Ó meu Deus, e quão pouco se conforma esta doutrina com o gosto do mundo! A maior parte dos devotos nada sente, nada aborrece tanto como a humilhação. Só se busca uma virtude aplaudida; os desprezos inquietam e turbam o coração. Mas será muito castiça a virtude que tão mal se acomoda com eles?

Segundo ponto

Considera que a humilhação é constitutivo essencial da penitência, porque todo pecador verdadeiramente contrito deseja ser humilhado. E como não poderá desejá-lo, quando ele mesmo se reconhece pela mais vil e baixa de todas as criaturas? Ele ofendeu seu Deus pelo pecado; e quererá que o estimem, quererá que o tenham em algo? Cometeu seu pecado por fraqueza ou por malícia; o primeiro argui sua miséria, o segundo sua malignidade: mas de qualquer modo que haja pecado, deve considerar-se como desprezível aos olhos de Deus e dos homens. Assim, a verdadeira penitência, que leva consigo este conhecimento, não pode estar sem a verdadeira humildade, nem a verdadeira humildade sem o amor às humilhações.

Estas têm, além disso, outra virtude, e é a de atrair-nos com muita frequência ao cumprimento das obrigações cristãs. *Bonum mihi quia humiliasti me, ut discam justificationes tuas,* dizia o real profeta Davi: «Bom é, Senhor, que me tenhais humilhado, porque desta maneira aprenderei a guardar com fidelidade vossa santa lei.» Acha-se um estimado, obsequiado, bem recebido no mundo; a fortuna o convida com as riquezas, o favor o exalta às honras e empregos; tem entrada na corte, concorre com distinção às casas dos grandes: pois não se lembra se há Deus, ou procede como se não o houvesse. Mas chega a humilhação; por um azar qualquer perde seus bens ou é despojado do emprego; aquela pessoa que o protegia retira-lhe seu favor ou lhe dá algum rubor público; todo o mundo lhe volta as costas: pois então entra dentro de si mesmo e, se não perdeu os sentimentos de religião, é muito natural que se converta a Deus e lhe diga com o Profeta: *Bonum mihi quia humiliasti me.* Já vai às igrejas, quando antes não pisava seus umbrais; já frequenta os sacramentos, quando antes nem sequer se lembrava deles; já busca a companhia das pessoas virtuosas, a quem antes tratava com desdém e até com desprezo; já lhe agradam os frades, porque entre eles acha quem o console, quem o anime, quem o entretenha às vezes com uma conversação grata e instrutiva, quem lhe ensine a tirar fruto de suas mesmas humilhações: *Bonum mihi quia humiliasti me.*

Mas, se são úteis as humilhações ao pecador para que se converta, não o são menos ao justo para que adiante na virtude. Não basta que se levante um vento favorável que faça tomar ao navio o rumo que lhe convém: se logo segue a calmaria, não atrasará, mas tampouco avançará muito, ainda a força de remos. As humilhações nos levam vento em popa ao porto da pátria celestial, fazendo-nos salvar dos escolhos do amor-próprio e do orgulho. Rara é a virtude que não tropece nestes escolhos se não vai acompanhada de uma sincera humildade. Pois dai-me, Senhor, esta apreciável virtude, vós que haveis dito: *Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração.*

Jaculatórias

> *Bonum mihi quia humiliasti me.* Sl 118.

Muita conta me tem, Senhor, que me tenhais humilhado.

> *Et veniat super me misericordia tua, Domine; salutare tuum secundum eloquium tuum.* Sl 118.

Sustentai-me, Senhor, em meus abatimentos, segundo o haveis prometido.

Propósitos

1. Temem-se, aborrecem-se as humilhações, e não se teme a condenação eterna, que certamente é o maior e o mais vergonhoso de todos os abatimentos. Nosso orgulho é a origem de todas as nossas desordens e, cedo ou tarde, causa a morte da alma. Que remédios não se aplicam para curar um abscesso? Não se perdoa ao ferro nem ao fogo; admitem-se com gosto os mais amargos, os mais desabridos remédios, contanto que se considerem eficazes. O remédio contra o orgulho é a humilhação: é amargo ao amor-próprio, não há dúvida, mas é um soberano específico para curar a inflamação interna do coração, pela qual o homem se avulta a si mesmo e concebe uma magnífica ideia de sua pessoa. A humilhação o reduz a sua justa medida e, fazendo-o baixar daquelas alturas em que se lhe vai a cabeça, põe limites à ambição, moderando seus desejos. Ama um meio tão eficaz para fazer-te feliz. Se não tens valor nem virtude para solicitar os abatimentos, pelo menos não voltes as costas aos que se te apresentam; estima-os como sinal certo da particular bondade com que te olha o Senhor e dá-lhe graças prontamente com alguma breve oração. É louvável costume o de rezar o *Laudate Dominum, omnes gentes* quando nos sucede algum abatimento; e guarda-te sempre de prorromper na mais leve queixa.

2. Sendo-nos tão proveitosa a humilhação, que razão haverá para que não tenhamos por amigos aqueles de quem se vale Deus para enviar-no-la? Façam-no por paixão, façam-no por inadvertência, sempre devemos amar a mão que nos cura, ainda que nos abrase. Quando o remédio é eficaz, não se repara em que seja amargo. Não há maior injustiça que olhar com maus olhos os que nos humilham: se fosse lícito ter aversão a alguém, deveria ser aos que nos exaltam, pois, contribuindo para nossa perdição, não parece que lhes devêssemos ficar muito obrigados. Ofendeu-te, abateu-te, humilhou-te alguém? Pois trata-o com mais carinho, dedica-te a servi-lo com maior cuidado e deixa que rosne o amor-próprio quanto quiser. Mantém-te firme nesta prática, porque não a há mais segura para fazer grandes progressos na perfeição. Frequentemente

nos voltamos contra nossos concorrentes, contra nossos superiores, contra nossos prelados quando nos sucede alguma humilhação: fazemos muito mal. E por que não nos voltaremos contra nós mesmos, que muitas vezes damos motivo a que nos tratem com abatimento? Coisa estranha! Todos confessamos de boa mente que aos olhos de Deus somos desprezíveis, e nada sentimos tanto como ser efetivamente desprezados.

[^1]: O OCR traz «Cita» no corpo da biografia; adotou-se a forma consagrada em português, Zita, que o próprio Martirológio do dia traz. [^2]: O original remete à «pág. 432» da edição consultada; a epístola é 2 Cor 10–11, reproduzida acima, conforme o dia 17. [^3]: O original remete à «pág. 434»; o evangelho é Mt 25,1-13 (as virgens prudentes e as néscias), reproduzido acima, conforme o dia 17. [^4]: O original remete à «pág. 35» da edição consultada; o evangelho é Mt 25,14-23 (os talentos), o mesmo do dia 1. [^5]: No original, «Jer. 45», evidente erro de leitura; a passagem é Jr 15,16, que a Vulgata traz como «Inventus est sermo tuus, et factum est mihi verbum tuum in gaudium». A correção é conjetural. [^6]: Mt 24. [^7]: Lc 12. [^8]: 2 Tm 4. [^9]: 1 Ts 5. [^10]: O OCR traz «dia 11, pág. 59», provável erro de leitura de «dia II»; o evangelho é Lc 12,32-34, o mesmo do dia 2.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:33 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:33 by Admin